

«LUZ E NEGRUME».

PARA UMA REFLEXÃO NO SENTIDO DA VIDA EM ANTÓNIO CORREIA

MICHELA GRAZIANI*

Resumo: Com o seguinte trabalho entende-se investigar o sentido religioso da vida e do mundo na obra poética *Fragments de António Correia*. Enquanto escritor e poeta português que reside há muito tempo em Macau, a sua religiosidade abrange tanto a cultura católica ocidental quanto a oriental. Por isso, os poemas analisados revelam um olhar aberto e sempre voltado à interrogação e à reflexão no que concerne eventos histórico-sociais, questões universais da vida humana e da Natureza, explicitando uma profunda sensibilidade religiosa. Neste sentido, o seu conceito de liberdade insere-se também numa óptica ocidental e oriental, pois representa metaforicamente o sentido de liberdade ainda vivo na cidade de Macau e explicitado na harmoniosa convivência entre diferentes crenças.

Palavras-chave: António Correia; Macau; Religião; Natureza.

Abstract: This paper intends to explore the religious meaning of life and the world in the poetic work *Fragments ('Fragments')* by António Correia. As a Portuguese writer and poet who has long resided in Macau, his religiosity encompasses both the western and oriental Catholic culture. For this reason, the poems analysed reveal a watchful eye, always open to questioning and reflecting on historical-social events, the universal questions of human life and Nature, revealing a profound religious sensibility. Furthermore, his concept of freedom is framed by a western and oriental perspective, as it represents metaphorically the sense of freedom that is still alive in Macau and reveals the harmonious coexistence of different beliefs.

Keywords: António Correia; Macau; Religion; Nature.

Não me fales de poder
Nem de riqueza
Fala-me do que sentires
Quando o amanhecer
For luz de libertar¹
[...]

(António Correia)

Os versos do *incipit* acima transcrito representam o início de um trabalho de reflexão e de análise hermenêutica da recolha poética *Fragments*, de António Correia. Essas unidades rítmicas põem em destaque um dos valores mais prezados pelo autor: a simplicidade, seja ela exterior ou interior, e conseqüentemente, a preocupação de se centrar não tanto na riqueza material, mas antes no cuidar e no bem-estar da alma e na percepção e compreensão dos sentidos. Daí o discurso filosófico-religioso do autor que reúne em si princípios ocidentais, cristãos e orientais, taoistas, tendo em conta o mundo sensível interior e a sua complexa relação com a realidade externa corrompida. E por isso também, na qualidade de escritor português que viveu em Macau durante quase vinte anos, o seu pensamento serve de «ponte», de intermediário entre duas culturas só aparentemente distantes, e cujo eco encontra correspondência nos excertos aqui apresentados do

* Universidade de Florença. michela.graziani@unifi.it. Tradução de Isabel Castro (CITCEM).

¹ CORREIA, 1996: 85.

Evangelho segundo S. Mateus e do Tao Te Ching: «Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões arrombam e roubam; acumulai antes tesouros no céu [...] Porque aí onde está o teu tesouro, estará também o teu coração»² (Mateus). «[...] [...] Cria e ensina, cria sem possuir, age sem contar com os resultados, cultiva sem te apoderares: esta é a dita virtude escondida»³ (Lao Tze).

Na verdade, vai-se delineando um pensamento que encontra na interculturalidade religiosa a própria origem e um «guia» para uma possível resolução das incompreensões humanas e para uma provável explicação dos enigmas universais. Embora para o autor, na vida terrena não seja permitido descobrir todos os mistérios do cosmos e o destino do homem seja oscilar entre momentos de fé/redenção e inquietude, parece que tal oscilação foi por ele aceite e acolhida na sua aceção mais positiva, ou melhor, como primeiro exemplo do dualismo, inato na natureza humana desde os primórdios bíblicos. Daí a temática central da oposição luz-sombra/penumbra que se evidencia no seu discurso poético, em pleno respeito pela lógica da complementaridade.

Com efeito, nos poemas em análise, o elemento luz, representado simbolicamente na versão diurna do Sol e da aurora, e na versão telúrica do sonho, do luar, da vela e das estrelas, explicita semanticamente não só o despertar dos sentidos pelo contacto com a Natureza (*rasgando o negrume/ a aurora/ assume/ a alegria/ do lago*)⁴, mas também a força necessária para enfrentar as adversidades da vida terrena (*por pior que seja/ a adversidade/ há sempre uma saída/ para a luz que se almeja*)⁵ e o caminho entre a terra e o céu (*tem muita escarpa/ muito fragedo/ e tanta luz/ a montanha/ da nuvem branca. O caminheiro/ não se atravanca/ carrega a harpa/ do degredo/ e aceita a cruz [...]*)⁶. Por isso, é sinónimo de libertação (*luz de libertar*)⁷, contemplação (*contemplo/ neste templo/ de meditação/ a luz do teu olhar*)⁸, mas também de anunciação, revelação, epifania do saber e chama criadora que permite o nascimento da poesia. «Se na alma/ germina a ideia/ e esta cresce/ e se incendeia/ em emoção/ não a caleis [...] e vereis/ que a poesia acontece»⁹.

Neste sentido, trata-se de uma luminosidade religiosa, se vista como uma bênção redentora (*bênção redentora*)¹⁰; filosófica, se representada pelo pensamento enquanto eterno companheiro e confidente que, por vezes, como uma espécie de Virgílio, ilumina o espírito humano ajudando-o a discernir entre o bem e o mal; outras vezes, como um *alter ego* faustiano, detém-no na penumbra ou num labirinto, onde pode aspirar à libertação das trevas.

² RAVASI, 2006: 64.

³ SABBADINI, 2009: 103.

⁴ CORREIA, 1996: 13.

⁵ *Ibidem*: 61.

⁶ *Ibidem*: 59.

⁷ *Ibidem*: 85.

⁸ *Ibidem*: 89.

⁹ *Ibidem*: 49.

¹⁰ *Ibidem*: 13.

Pensamento/ porquê me justigas, / no momento, / em que a luz me deslumbra? / Porque razão me queres, / na penumbra, / longe de tanta gente, / que se diz amiga? / Porque me ensinas/ a desfolhar malmequeres, / com o cuidado, / de discernir o mal do bem/ e me deixas assim, / com a flor destrocada/ e a alma também?¹¹.

Tal mundo obscuro remete, ao mesmo tempo, e em primeiro lugar, para as inquietações e medos do sujeito poético, simbolizados pelas sombras e pelo espelho que, reflectindo tais sombras, revela a verdadeira identidade do homem, ou melhor, aquela de representar apenas um só fragmento da própria condição de ser humano, pequeno e miserável, elemento aéreo (pássaro ou vento) destinado, enquanto microcosmo, a flutuar na vastidão do macrocosmo. Em segundo lugar, remete para os sofrimentos do homem na terra e para todas as infâmias presentes na realidade quotidiana, aqui representada de modo genérico como negrume, que simboliza a maldade e os pecados capitais não só do indivíduo, mas também da sociedade.

A partir desse dualismo luz/sombra é, então, possível começar a compreender a visão do autor e o seu pensamento filosófico-religioso na dupla acepção cristã e taoista. Em concreto, trata-se de uma *Weltanschauung* humanística cujo centro não gravita em torno da figura do homem, mas dos seus valores ético-morais de matriz cristã que regulam a sua natureza humana e o seu lugar na sociedade, e aos quais o homem está vinculado, mesmo se inconscientemente. Ponto central e primordial para António Correia é, então, a reflexão, o acto do homem de se interrogar até empreender uma viagem iniciática, uma aprendizagem que tem em vista o autoconhecimento e o conhecimento da realidade que o circunda; um percurso que só realizado individualmente poderá trazer benefícios à sociedade futura. Por isso, apresenta-se como um caminho direccionado para a observação do Tudo, que remete, inevitavelmente, para o Tao, enquanto via espiritual que permite ao iniciado penetrar nos seus mistérios, mas também enquanto princípio eterno e imutável, origem de toda e qualquer coisa.

No interior desta visão, a criação do universo e da beleza da Natureza aparecem ao autor como qualquer coisa de milagroso, emanado de uma vontade sobrenatural, mas não na acepção bíblica de desígnio divino, e sim antes na sua valência mística e mitológica de sopro vital, seja esse fruto do olhar incendiado de um dragão (*o Universo respira na raiz/ do fogo que dardeja/ do olhar incendiado/ do mítico dragão*)¹² ou dos elementos naturais (*procura o signo da água/ na força que há no vento/ põe na alma o fogo/ que desfaz a mágoa/ que gera o alento*)¹³, como recita a cosmogonia chinesa¹⁴. Logo, dos poemas

¹¹ *Ibidem*: 137.

¹² *Ibidem*: 27.

¹³ *Ibidem*: 57.

¹⁴ Existem muitos mitos cosmogónicos chineses. O mais conhecido vê no semi-deus Pan Gu «un gigante nato dall'esplosione del caos primordiale, il cui corpo prima della morte si trasformò: il respiro formò venti e nuvole; la voce divenne tuono; l'occhio sinistro formò il sole e quello destro la luna. I quattro arti e le cinque parti terminali divennero i punti cardinali e le cinque montagne sacre; il corpo e il seme formarono l'acqua e i fiumi; i muscoli e le vene diventarono le arterie della terra; la carne i campi; i capelli e la barba divennero stelle; i peli del corpo piante e alberi; i suoi denti e le ossa metallo e rocce» («um gigante nascido da explosão do caos primordial, cujo corpo se transformou antes da morte: a respiração deu origem aos ventos e às nuvens; a voz transformou-se em trovão; o olho esquerdo no Sol e o direito na Lua.

analisados resulta que o artífice do cosmo não é Deus, assim como a criação mais bela dele resultante não é o homem mas a Natureza, representada pelo autor como verdadeira bênção do ser humano e como orquestra sinfónica que, com os seus sons e cromatismos, faz vibrar os sentidos perante o esplendor da vida que se repete todos os anos na Primavera. Para além disso, é sempre a Natureza que, da união dos quatro elementos regulados pela lei física da complementaridade, faz brotar aquela fluidez, aquele devir natural das coisas que lhe permite, ao contrário do que acontece no mundo humano, manifestar-se sempre assim como é, sem segredos.

Assim, na Natureza, o homem pode regenerar-se, encontrando valores ancestrais cada vez mais ausentes da sociedade urbana, reeducando-se a viver no respeito por si e pelos outros, através da observação, da audição e do silêncio da palavra, precisamente como nos revela o seguinte excerto do Tao Te Ching: «Aqueles que sabem não falam, aqueles que falam não sabem»¹⁵. Para o homem trata-se de seguir, em parte e em sentido metafórico, as pegadas do sábio taoista, cuja acção e saber são parte integrante das forças naturais, para se poder identificar com uma árvore, uma pedra ou com a água que escorre e que é parte do todo.

Tal aprendizagem, porém, não deve ser interpretada como um percurso ascético de renúncia ou de exílio na Natureza, pois, como recorda o próprio Lao Tze, o indivíduo, contrariamente ao sábio, deve viver na realidade, ainda que habituando-se a separar-se dela. «Vive no mundo das manifestações, das coisas, do desejo, ciente do mistério, do inseparável, do estado que está para além do desejo. Sê no mundo, mas não do mundo»¹⁶. Trata-se, então, de aprender ou redescobrir ensinamentos ético-morais caros à tradição cristã e taoista, não na fuga, mas na convivência com o quotidiano. Eis então como valores como o perdão, o sentido de sacrifício, de trabalho e da amizade, a coragem, o amor pela Verdade, a força de vontade e a confiança em si próprio adquirem plenamente o seu significado cristão a partir do sofrimento e das dificuldades da vida terrena e da maldade do homem. Só através do contacto com os problemas individuais e colectivos, respeitantes à natureza humana, é possível empreender a viagem até ao alto, até à elevação espiritual, cujo apogeu reside, nos poemas de António Correia, no sonho de um mundo equidistante entre a terra e o céu, e onde as dores terrenas podem verdadeiramente encontrar conforto na promessa da redenção eterna. «É p'ra ti este poema/ filho de um outro eu/ que mora/ dentro de mim/ e que a vida passa a sonhar/ com um mundo equidistante/ entre a terra/ onde se pena/ e um céu/ sempre jardim/ de redenção promissora»¹⁷.

Este é um discurso que revela o pensamento católico do autor, propenso à recepção da

As quatro artes e as cinco partes terminais transformaram-se nos pontos cardeais e nas cinco montanhas sagradas; o corpo e o esperma formaram a água e os rios; os músculos e as veias formaram as artérias da terra; a carne os campos; o cabelo e a barba tornaram-se estrelas; os pêlos do corpo plantas e árvores; os seus dentes e ossos metais e rochas») (Cfr. FILORAMO, 2005: 422). Segundo o taoísmo, pelo contrário, o tal sopro originário corresponde ao próprio tao, como se pode ler de seguida: «Il Tao genera l'uno, l'uno genera il due, il due genera il tre, il tre genera i diecimila esseri, i diecimila esseri portano sulla schiena lo yin e abbracciano lo yang. Nel vuoto centrale i due soffi vitali si uniscono» («O Tao gera o uno, o uno gera o duo, o duo gera o trio, o trio gera os dez mil seres, os dez mil seres levam às costas o yin e abraçam o yang. No vazio central unem-se os dois sopros vitais») (Cfr. SABBADINI, 2009: 335).

¹⁵ *Ibidem*: 423.

¹⁶ *Ibidem*: 46.

¹⁷ CORREIA, 1996: 11.

palavra divina, ainda que sempre numa óptica filosófica reflexiva, tanto que as figuras de Deus e de Cristo evidenciam as seus próprios matizes interpretativos. A imagem de Deus, por exemplo, não corresponde, como já indicado previamente, àquela do criador do Tudo, mas àquela da Lei da natureza (*Deus existe e é a Lei/ da natureza*)¹⁸, ou seja, princípio vital inato naquela e na vida do homem, no momento em que ele entra em contracto com a Natureza. Ao mesmo tempo, Cristo não é visto como o Messias, na sua valência semântica mais abstracta e etérea, mas antes como um irmão a quem o autor se sente ligado por um laço de sangue, explicitado simbolicamente pelo vinho e por beber essa bebida pelo mesmo cálice. «Bebe mais um copo/ bebe do meu vinho/ Fui eu que o criei/ de alma embriagada/ Por isso é meu sangue/ ou de Cristo tanto faz/ que Ele é meu irmão [...]»¹⁹.

Daqui se deduz como tais entidades divinas estão presentes na vida do homem, pois acompanham-no no percurso de ascese vertical, mas não são elas a resolver os problemas terrenos. A chave da resolução reside no homem²⁰ e na sua força interior, que torna possível a materialização dos sonhos e dos desejos; no cansaço, na paciência e na honestidade para alcançar melhores resultados no âmbito do trabalho ou pessoal, daí a metáfora da formiga e do alpinista; mas também, na coragem de exteriorizar os próprios sentimentos e de libertar as emoções, sempre pelo coração e nunca pelo engano. A isto soma-se a capacidade de perdoar, de procurar a Verdade e acreditar na amizade e na confiança humana enquanto único e verdadeiro «esteio da eternidade», pelo menos para o poeta. «Saboreio/ a certeza/ de fazer da amizade/ o esteio/ da eternidade»²¹.

A satisfação terrena é, pois, possível pondo em prática tais ensinamentos e, por analogia, olhando e reflectindo dentro de si próprio, tentando enfrentar e superar as inquietações existenciais, visto que até nos momentos mais sombrios são as próprias sombras interiores a revelar de repente a luz do renascer. Eis, então, a visão cristã e taoista do autor e o significado mais profundo e iluminador do seu discurso: António Correia exorta o homem a olhar além do presente, a navegar para a frente como se fosse a vela de um barco, e a partir para uma qualquer viagem, seja real ou interior, predispondo a própria natureza a conhecer os «outros eus». «Extasiado/ parto em viagem/ e já nem sei quem sou. [...] No êxtase da tarde/ o sol em mim é outro eu/ e eu o sol moribundo/ abraçado ao céu»²².

É uma exortação para não termos medo do passar do tempo e da morte, porque na velhice continuar-se-á a ver o bem e o mal da realidade terrena, «a luz e o negrume»²³ que representam a sombra da voz humana que se propaga pelo infinito (*só o mistério os une/*

18 *Ibidem*: 29.

19 *Ibidem*: 25.

20 O pensamento de António Correia encontra, por vezes, paralelo, com o de Giuseppe Tucci, para quem «il vero tesoro è in noi stessi, e consiste nel sentirsi superiore a tutto quell'incomposto mondo di desideri e di passioni che maturano infallibilmente angosce e dolori a noi poveri mortali, vanamente illusi di poter arrivare, attraverso quelli, ad una felicità che tanto più s'allontana quanto più crediamo di averla dappresso» («o verdadeiro tesouro está em nós mesmos, e consiste em sentirmo-nos superiores a todo aquele mundo desordenado de desejos e de paixões que, infalivelmente, dão origem a angústias e dores a nós, pobres mortais, vãmente iludidos de conseguirmos alcançar, através daqueles, uma felicidade que tanto mais se afasta quanto mais acreditamos tê-la alcançado») (Cfr. TUCCI, 2006: 68).

21 CORREIA, 1996: 165.

22 *Ibidem*: 121, 81.

23 *Ibidem*: 125.

e são a sombra/ da nossa voz/a fazer ondas)²⁴; no final de tudo uma luz, uma saída ou uma esperança manifestar-se-á sempre. Basta saber recolhê-la ou reconhecê-la na Natureza ou em outro lugar qualquer. Por isso, para o autor, a morte²⁵ não existe se a alma é capaz de aceitar a natural e inevitável sucessão dos acontecimentos. «A morte nunca existe/ no presente/ se a alma resiste/ perante/ a emoção/ que o instante/ lhe consente»²⁶.

A temática dos medos interiores reflecte também um aspecto bem mais laico, vivido e sentido fortemente pelo próprio autor – a passagem de Macau para a China, em 1999, e o clímax de tensão que precedeu e assinalou tal período. Na verdade, a partir desse *topos* o autor inicia uma ulterior reflexão sobre a importância da memória histórica, das raízes culturais e da voz colectiva. Em concreto, centra a sua atenção na particularidade histórico-cultural macaense, que ele bem conheceu, chegando depois à noção de que o passado lusitano e a memória histórica dele derivada são e devem continuar a ser o lume que perpetua a fé dos macaenses. Nesse sentido, o conceito de fé revela aqui uma dupla valência: religiosa, se atribuída àquele que, para empreender a viagem iniciática, precisa da fé divina como guia espiritual (*fé do luzeiro*)²⁷; filosófica, pois torna o povo macaense «ponte do futuro», mas também metáfora de luz e renovação.

*Por Deus esconjuro/ a morte/ da memória/ que no ar flutua/ e ergo a ideia/ de fazer a história/ a candeia/ ou a voz/ que perpetua/ a fé/ que faz de nós/ a ponte do futuro. [...] O infinito é desatino/ na alma do povo/ que assume/ o destino/ profundo/ de ser lume/ e ser renovo/ mas nada impõe a ninguém/ abraça meio mundo/ e vai sempre mais além*²⁸.

Ao mesmo tempo, a história e a memória simbolizam a voz de um passado que não deve desaparecer, daí a mensagem de esperança dirigida às autoridades governativas de Portugal e China, a fim de que continue a ser mantido o estatuto especial que distingue a cidade de Macau. Um auspício particularmente sentido pelo nosso autor, não só porque tal memória lusitana reflecte o facto de ser poeta e cidadão português (*não aceito/ vender a memória/ da raiz que me fez/ poeta/ e português!*)²⁹, mas também porque as raízes histórico-culturais do povo macaense são por ele sentidas como causa e bandeira do seu orgulho lusitano (*na alma tenho o sonho/ embalado no orgulho/ de sentir bem funda/ a raiz do povo/ que é minha causa e bandeira*)³⁰. Por isso, a incerteza dos anos pré-1999 é descrita

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ A respeito disso, a explicação de Tucci é clarividente para se compreender melhor tal conceito na óptica oriental, segundo a qual «il Taoista è sicuro di non andare incontro a nessun Dio. [...] La morte dell'individuo è un fatto naturale, né più né meno come la nascita e come la vita: la morte succede alla vita e la vita alla morte in un continuo fatale divenire attraverso cui si svolge la legge del Tao. [...] Il taoista non ha paura di fronte alla morte, perché in realtà la morte per lui non esiste, come non esistono tutti i contrari» («o Taoista está seguro de não ir ao encontro de algum Deus. [...] A morte do indivíduo é um facto natural, tal como o nascimento e a vida: a morte sucede à vida e a vida à morte num contínuo fatal devir através do qual se desenvolve a lei do Tao. [...] O taoista não tem medo diante da morte, porque, na verdade, a morte para ele não existe, como não existem todos os contrários») (TUCCI, 2006: 57).

²⁶ CORREIA, 1996: 153.

²⁷ *Ibidem*: 59.

²⁸ *Ibidem*: 163, 167.

²⁹ *Ibidem*: 23.

³⁰ *Ibidem*: 19.

nos poemas em questão com tonalidades cromáticas de cinzento e através da metáfora do vento frio do Norte, portador de sombras nefastas, e do furacão que tudo arrasa e destrói como um círculo dantesco (*a gente emudece/ ao ver/ o tufão estrebuchar/ na bravura/ endiabrada/ [...] É o inferno/demente/ eterno/ e presente/ abrindo a goela/ o vento a uivar/ e a água a gemer/ pedaços de tudo e de nada*)³¹, para melhor sublinhar o triste presságio de um evento inevitável que não tardará a chegar, atormentando as almas de todos aqueles que vivem na península. Por isso, o autor sente-se como um pássaro que sonha com a mudança no seu sentido mais positivo, mesmo manifestando a ansiedade de quem não sabe quem irá trazer a redenção ao território e com a certeza de que nada pertence ao homem na vida terrena. «Somos pássaros somos ânsia/ sonhamos ninho na mudança/ e é aqui que nós o queremos/ [...] É cinzento é cinzento/ o horizonte/ mas sonhamos/ com o sol com a ponte/ com a raiz e com a árvore/ Temos tudo nada temos/ porque é no vento/ que voamos»³².

Como feliz auspício, vê no povo macaense a metáfora do abraço; um abraço humano e universal, porque sempre aberto ao encontro do Outro, tal como na palavra entrevê o verdadeiro instrumento de liberdade que, se esquivava de venenos ou de mentiras, e audaz por também andar contra o vento, pode iluminar e renovar a nível colectivo e não apenas individual. «Não é no papel/ é na boca que procuro/ o rosto da palavra/ para a despir/ de todo o fel/ e do engano/ em que se lava/ o mentir»³³.

É a coragem de protestar contra as injustiças e os abusos, mas também de lutar, como neste caso, pelo futuro da cidade de Macau e pela identidade da sua gente, para que, construindo no presente, o novo futuro possa ser mais sereno. Assim, do discurso filosófico-religioso de António Correia emerge plenamente a fragmentariedade da vida e da alma humana, daí o título da obra analisada, *Fragmentos*. Fragmentos, de facto, que põem a nu as fraquezas terrenas, mas que, reunidas, vão recompor a unidade da qual o homem também faz parte e que servem para compreender melhor os valores efectivamente importantes para se alcançar a tal união. A propósito, cada capítulo do volume, chamado «livro», ajuda a esclarecer este discurso, porque os capítulos estão divididos em fragmentos: fragmentos da raiz, da virtude, do amor, da inquietude, da fé e da redenção. Por aqui se percebe o provável caminho do homem, segundo o autor, cujo início reside na descoberta ou apropriação das próprias raízes, sejam estas histórico-culturais ou cósmicas, pois a raiz é o princípio da vida, a origem de tudo, verificando-se aqui um paralelo com os Génesis e o seu princípio cosmológico cristão³⁴, mas também com aquele taoísta³⁵. Depois

³¹ *Ibidem*: 31.

³² *Ibidem*: 143.

³³ *Ibidem*: 161.

³⁴ «In principio Dio creò il cielo e la terra. Ora la terra era informe e deserta e le tenebre ricoprivano l'abisso e lo spirito di Dio aleggiava sulle acque». («No princípio Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava informe e deserta e as sombras cobriam o abismo e o espírito de Deus pairava sobre as águas») (RAVASI, 2006: 51).

³⁵ «Tornare alle radici è la quiete, è tornare al proprio destino. Tornare al proprio destino è l'eterno. Conoscere l'eterno è illuminazione; non conoscere l'eterno è essere senza radici e causare la propria sciagura. [...]» «Regressar às raízes é a paz, é regressar ao próprio destino. Regressar ao próprio destino é o eterno. Conhecer o eterno é a iluminação; não conhecer o eterno é estar sem raízes e causar o próprio infortúnio. [...]») (SABBADINI, 2009: 153).

de encontradas as raízes, é necessário pensar na virtude da alma, cuja referência, agora nos conduz para os ensinamentos do Tao Te Ching, não por acaso chamado o «Livro da Vida e da Virtude»³⁶.

Fortalecida a alma, o homem pode agora abrir o coração, abandonando-se ao amor da luz humana e divina; esse amor servirá para enfrentar e superar as inquietações e turbacões do Eu. Só assim, no final, será possível fazer o caminho em direcção à fé e à redenção, chegando à superação da fragmentariedade terrena, na certeza de se sentir finalmente livre, sem nada desejar de material e assim poder viver na emoção de sonhos irreais, pois «feliz é quem sabe/ olhar e não ver/ ignorar/ esquecer/ o que magoar»³⁷.

BIBLIOGRAFIA

CORREIA, António (1996) – *Fragmentos*. Macau: Edição C&C Advogados.

FILORAMO, Giovanni (2005) – *Storia delle religioni. Cina e Estremo Oriente*. Roma: Gruppo Editoriale L'Espresso.

RAVASI, Gianfranco, a cura di (2006a) – *La Bibbia. Antico Testamento, Pentateuco I*. Milano: Edizioni RCS Quotidiani.

RAVASI, Gianfranco, a cura di (2006b) – *La Bibbia. Nuovo Testamento, Vangeli I*. Milano: Edizioni RCS Quotidiani.

SABBADINI, Augusto Shantena, a cura di (2009) – *Lao Tze. Tao Te Ching*. Milano: Urta Edizioni.

TUCCI, Giuseppe (2006) – *Apologia del Taoismo*. Firenze-Milano: Luni Editrice e Oriental Press.

NOTAS BIO-BIBLIOGRÁFICAS

António Correia nasceu na freguesia de Anreade, concelho de Resende, em 1948. Poeta, contista e romancista, colaborou em jornais e revistas. É licenciado em Direito e diplomado em Secretariado. Foi militar em Angola; bancário, sindicalista e advogado em Lisboa; advogado, notário, gestor, conselheiro e deputado em Macau e na China, durante cerca de vinte anos. Em 2000 foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com a Ordem de Mérito, no grau de Grande-Oficial. Radicou-se em Macau em 1980, de onde saiu em 1997. Em Macau foi membro do Conselho Superior da Advocacia, Conselho de Cultura e Conselho Consultivo do Governo de Macau e colaborou na Rádio Macau como cronista. Actualmente mantém a sua ligação com Macau e tem igualmente residência no Brasil.

³⁶ Tal conceito de «virtude», no pensamento de Tucci, remete para «all'energia del Tao stesso e a quella forza che è insita in ogni essere e per cui ogni essere è ciò che è e fa quel che fa» («a energia do próprio Tao e para aquela força que é inata a cada ser e pela qual cada ser é aquilo que é e faz aquilo que faz») (TUCCI, 2006: 36); enquanto que no Tao Te Ching encontra a sua explicação no seguinte passo: «[...] Coltiva la virtù nella tua persona e la tua virtù sarà autentica; coltiva nella tua famiglia e la tua virtù sarà traboccante; coltiva nel tuo villaggio e la tua virtù sarà durevole; coltiva nel tuo paese e la tua virtù sarà abbondante; coltiva nel mondo e la tua virtù sarà vasta. [...] Come so che il mondo è così? Per via di questo». («[...] Cultiva a virtude em ti e a tua virtude será autêntica; cultiva-a na tua família e a tua virtude será transbordante; cultiva-a na tua aldeia e a tua virtude será duradoura; cultiva-a no teu país e a tua virtude será abundante; cultiva-a no mundo e a tua virtude será vasta. [...] Como sei que o mundo é assim? Por isto») (SABBADINI, 2009: 407).

³⁷ CORREIA, 1996: 65.

OBRAS DO AUTOR

- Abrindo o caminho* (contos e poesia). [Lisboa, 1976]. Macau: Edição do autor, 1990.
- Miscelânea* (mensagens em prosa e verso para crianças). Macau, [s.n.], 1987.
- Conjugando o verbo amar* (poesia). Macau, 1989.
- Folhas dispersas* (poesia). Macau, 1989.
- Ngola* (contos). Macau: Edição do autor, 1990.
- Deideia* (poesia). Macau: Edições Macau Hoje, 1992.
- Amagao, meu amor* (poesia). Macau: Edições Macau Hoje, 1992.
- Fragmentos* (poesia). [1994], Macau: Edição C&C Advogados, 1996.
- Contos de Ou-Mun* (contos). Macau: Livros do Oriente, 1996.
- Rua sem nome* (romance). 1999.
- Serenidade* (poesia). Lisboa, A. F. Publicações, 2000.
- Oratus* (poesia). 2002.
- Contos cearenses* (contos). Lisboa, A. F. Publicações, 2002.
- Flores do bem* (poesia). Lisboa, ProArt&Letra, 2004.
- Memórias do meu rio* (contos). 2005.
- Contos fabulosos* (contos). Lisboa, ProArt&Letra, 2006.
- Aldeia da paz* (romance). Lisboa, ProArt&Letra, 2007.
- As duas faces do poema*. Lisboa, ProArt&Letra, 2008.
- Amor felino* (poesia). Lisboa, ProArt&Letra, 2009.

